

## **O DESAFIO DA MIGRAÇÃO AM-FM EM RÁDIOS NO INTERIOR DO PARANÁ**

*THE CHALLENGE OF AM-FM MIGRATION ON RADIOS IN PARANÁ'S COUNTRY*

*EL RETO DE LA MIGRACIÓN AM-FM EN EMISORAS DE PARANÁ*

João Cubas<sup>1</sup>  
Elson Faxina<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo analisa o cenário de rádios do interior do Paraná que migraram da faixa de Amplitude Modulada (AM) para Frequência Modulada (FM), com o propósito de se adaptarem às tecnologias de transmissão sonora. O estudo de caso envolveu entrevistas e questionários respondidos por diretores de oito emissoras, que realizaram suas migrações entre 2017 e 2020: Inconfidência, Goioerê FM, Paiquerê 91.7, Cultura, Vale FM, Chopinzinho FM, Campo Aberto e CBN União da Vitória. Conclui-se que a migração foi a melhor solução, em razão da atualização da tecnologia, qualidade de som e do alcance de audiência, além de equilibrar a necessidade econômica das emissoras e a fidelização do ouvinte. Constatou-se, também, que, na maioria dos casos, não houve significativas mudanças em suas programações.

**Palavras-chave:** rádio; migração AM/FM; tecnologia.

### **Abstract**

This paper analyzes the scenario of radio stations in the countryside of Paraná that migrated from Amplitude Modulation (AM) to Frequency Modulation (FM), to adapt to sound transmission technologies. The case study involved interviews and questionnaires answered by eight radio station managers, which migrated between 2017 and 2020: Inconfidência, Goioerê FM, Paiquerê 91.7, Cultura, Vale FM, Chopinzinho FM, Campo Aberto and CBN União da Vitória. Therefore, the migration was the best solution, due to the technology update, sound quality, and audience reach, in addition to balancing the broadcaster's economic need and the listener's loyalty. In most cases, there were no significant changes in their programs.

**Keywords:** radio; AM/FM migration; technology.

### **Resumen**

Este artículo analiza el escenario de las emisoras, en el estado de Paraná, que migraron de Amplitud Modulada (AM) a Frecuencia Modulada (FM), para adaptarse a las tecnologías de transmisión sonora. El estudio de caso involucró entrevistas y cuestionarios contestados por directores de ocho emisoras, que realizaron sus migraciones entre 2017 y 2020: Inconfidência, Goioerê FM, Paiquerê 91.7, Cultura, Vale FM, Chopinzinho FM, Campo Aberto y CBN União da Vitória. Se concluye que la migración fue la mejor solución, en virtud de la actualización tecnológica, calidad de sonido y alcance de audiencia, además de equilibrar la necesidad económica de las emisoras y la fidelización del oyente. También se observa que, en la mayoría de los casos, no hubo cambios significativos en las programaciones.

**Palabras-clave:** radio; migración AM/FM; tecnología.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná. E-mail: jcubas84@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná. E-mail: elfaxina@gmail.com

## 1 Introdução

As novas tecnologias de comunicação, o aumento da interferência nos aparelhos receptores e a produção cada vez menor de rádios que ofereçam a sintonia de emissoras AM motivaram o governo federal a estudar, na última década, a possibilidade de migração dessas emissoras para o FM.

A princípio, isso pareceu possível com o uso da faixa estendida, entre 76 e 87 MHz, utilizada anteriormente nas transmissões de TV analógica. Essa faixa é anterior à utilizada pelo rádio FM, que vai de 88 a 108 MHz, e que é captada em aparelhos receptores tradicionais. No entanto, nas grandes capitais, como Curitiba, a migração nessa faixa não foi possível devido ao congestionamento do espectro, ou seja, não haveria espaço para todas as emissoras já existentes. A faixa estendida de FM foi uma solução que o setor encontrou para acomodar as migrantes do AM nos centros onde o espectro de 88.1 FM a 107.9 FM está congestionado.

O dia 7 de maio de 2021 marcou o início das transmissões na faixa estendida de Frequência Modulada (FM), no Brasil. Dez emissoras de rádio, localizadas nas capitais dos estados, foram autorizadas pelo Ministério das Comunicações (MCom) a emitirem em caráter científico, ou seja, em menor potência do que a definitiva, por 60 dias. Após esse período, essas emissoras puderam irradiar as potências determinadas pelo MCom, que autorizou as transmissões em AM a continuarem concomitantemente às novas por até cinco anos.

As rádios autorizadas pelo MCom a operar no FM estendido a partir de maio de 2021 foram: *Rádio Jornal FM 76.1 e Rádio Nacional FM 87.1 - Recife; Rádio Capital FM 77.5, Rádio Cultura Brasil FM 77.9 e Rádio Nacional FM 87.1 - São Paulo; Rádio Liberdade FM 83.3 - Porto Alegre; Rádio Nacional FM 87.1 - Rio de Janeiro; Rádio Nacional FM 87.1 - Belo Horizonte; Rádio MEC FM 87.1 - Brasília; e Rádio Banda B FM 79.3 – Curitiba (MIGRAÇÃO..., 2021).*

No Paraná, a Rádio Banda B de Curitiba foi a primeira emissora a operar na nova faixa. O diretor-geral da emissora comemorou o reconhecimento e explicou como a mudança aconteceria para os ouvintes.

Trabalhamos muito para fazer parte desta migração histórica do rádio brasileiro e quem nos trouxe até aqui foi cada ouvinte. É preciso deixar claro que a Rádio Banda B AM 550 continuará transmitido normalmente, já que a

migração será feita com transmissão simultânea dos dois canais por até cinco anos a partir do momento em que entrarmos na fase definitiva da faixa estendida. Dia 24 de maio começaremos a fase de testes. É com muito orgulho que somos a primeira rádio do Paraná autorizada a fazer esta migração (MELLO, 2021, n.p.).

Entretanto, o processo de migração das antigas rádios AM para o FM é algo discutido e praticado há mais tempo. Desde 2013, o assunto vem sendo debatido pelo Mcom. Em 18 de março de 2016, a Rádio Progresso, de Juazeiro do Norte (CE), tornou-se a primeira emissora do país a migrar da faixa AM para FM (ABERT, 2016). Desde então, mais de 850 rádios fizeram a migração dentro da faixa tradicional, sendo 101 no Paraná, até agosto de 2021. Naquela data, outras 106 emissoras paranaenses aguardavam autorização do ministério.

Para este trabalho, realizamos um estudo de caso sobre o processo da migração em rádios do Paraná, que conseguiram espaço dentro da faixa tradicional de FM antes de 2021. A pesquisa analisa as variáveis envolvidas nas concessões de rádio brasileiras e os custos para migração da tecnologia em oito rádios sediadas no interior do estado do Paraná: Inconfidência (Umuarama); Goioerê FM (Goioerê); Paiquerê 91.7 (Londrina); Cultura (Apucarana); Vale FM (Verê); Chopinzinho FM (Chopinzinho); Campo Aberto (Laranjeiras do Sul) e CBN União da Vitória (União da Vitória), que realizaram a migração de faixa entre os anos de 2017 e 2020.

Fatores como programação, adaptação da equipe, cenário de concorrentes e a inviabilidade econômica e tecnológica para permanência na faixa AM são as principais motivações que levaram a esse processo, conforme relatos apresentados pelos radiodifusores.

A grande motivação deste trabalho foi entender se a migração significou uma opção vantajosa para essas emissoras, tanto do ponto de vista da competitividade econômica, com melhor qualidade de som e a possibilidade de ter um novo público, quanto um desafio em relação à necessidade de mudanças de programação. Muitas vezes, esse processo poderia exigir uma espécie de fechamento de uma emissora e sua história para dar início a uma nova, com características bem diferentes das que tinha na faixa antiga.

Em um cenário de transformações tecnológicas e perda de audiência, fez-se necessário o incentivo por parte de governos e instituições da área, como a Associação

das Emissoras de Rádio do Paraná (AERP), para que a migração começasse a acontecer. Sem isso, o rádio, em especial o AM, correria o risco de morrer por inanição, conforme Kischinhevsky (2016). Na visão do autor, é preciso avançar com bases sólidas para investimentos públicos e privados, que permitam um futuro sustentável para indústria da radiodifusão sonora, em que o rádio permaneça como habitante de destaque no ecossistema midiático.

Ainda que seja um meio de difusão sem muito espaço em publicidade, o rádio é um importante meio de comunicação, que tem se adaptado às mudanças tecnológicas e sociais desde o seu surgimento, há um século. As pesquisas acadêmicas sobre o processo de migração das rádios AM são muito recentes. Entre as primeiras obras sobre o assunto, destaca-se a publicação de Nair Prata e Nélia Del Bianco (2018) que produziram, em conjunto com pesquisadores de todo o país, um panorama sobre as rádios migrantes.

Em pesquisa realizada por Silva *et al.*, também de 2018, as rádios migrantes do interior do Paraná apontaram a melhoria da qualidade de som como o principal motivo para a migração. Houve mudança de programação na maioria das rádios que migraram, no todo ou em partes, com a inserção de novas vinhetas, programas e no segmento musical. Silva *et al.* (2018) apontam que, como a migração é uma exigência da legislação, migrar de AM para FM é, portanto, uma questão de necessidade para as rádios.

Entretanto, faltam instrumentos para que essas rádios conheçam efetivamente seus públicos para “traçar novas estratégias e possibilidades de transformações para as emissoras agora em tempos de transmissão em FM” (SILVA *et al.*, 2018, p. 247).

Vale destacar que, ao contrário do que aconteceu com a TV, em que o processo de digitalização passou pela transmissão e recepção, o rádio manteve a evolução tecnológica apenas do estúdio para dentro. Fitas K7 dão lugar a modernos equipamentos de programação, em que muitas vezes a presença do locutor se torna dispensável, tendo suas funções acumuladas com as do técnico operador do estúdio.

Porém, para Kischinhevsky (2016), as decisões governamentais mostram que o setor ainda permanece aos sabores do mercado. Na opinião do autor, a escolha pela migração das rádios AM para o FM refletiu “a preocupação de assegurar espaço na maior base de receptores do país na atualidade - os telefones celulares” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 57) e, em sua essência, o autor define a migração como de “analógica para analógica”.

Durante anos, assim como na TV digital, consórcios americanos, europeus e japoneses venderam a ideia de trazer ao rádio AM a qualidade de FM e a possibilidade de multiprogramação; contudo, a popularização da Internet e do uso do celular para acessar o rádio FM fizeram com que não houvesse mais interesse pelos testes de rádio digital (DEL BIANCO, 2013, p. 60).

Pelo exposto, faz-se necessário um estudo sobre a realidade de emissoras que fizeram a migração recentemente. Os resultados poderão embasar novos estudos que poderão ajudar os radiodifusores e outros pesquisadores a entender os fenômenos comunicacionais, em um contexto em que a tecnologia os deixam cada vez mais dinâmicos.

## **2 Materiais e métodos**

Este trabalho adotou um estudo de caso com pesquisa de campo, de caráter qualitativo, para entender como o processo de migração é encarado por emissoras que já realizaram a mudança para a faixa FM no estado do Paraná, considerando aspectos históricos, técnicos, sociais e econômicos realizado em 2020.

Segundo Yin (2010), os estudos de caso são a melhor estratégia quando se colocam questões tipo “como” e “por que”. É também indicado quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Isso tem reflexo na realidade atual, pois a migração das rádios é um fenômeno presente e em andamento.

Em contato mantido com a AERP, obtivemos uma lista com as rádios que já tinham migrado, com certo equilíbrio, entre as diversas regiões do estado. Houve, também, uma conversa preliminar com o engenheiro da associação, que evidenciou aspectos técnicos e de programação que poderiam ser explorados com os radiodifusores, cujas informações são utilizadas neste artigo.

Das 94 rádios que até a data da pesquisa tinham feito a migração, oito fazem parte deste estudo, representando diferentes regiões do estado. Fruto de um Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da UFPR - Universidade Federal do Paraná - em 2020, mantivemos para este artigo as entrevistas com os gestores dessas oito emissoras e com um engenheiro da AERP, entidade representativa das emissoras de rádio do estado, que tem dado o apoio por elas demandado.

As perguntas versaram sobre os processos técnicos e burocráticos da migração, custos, realidade do mercado, competição pela audiência e programação, preparação das equipes e identidade da emissora junto aos ouvintes.

### 3 Resultados

Em média, as rádios que participaram da pesquisa permaneceram no ar por 49 anos na faixa AM antes da migração, tendo a mais nova operado em AM por 27 anos (Rádio Campo Aberto, de Laranjeiras do Sul) e, a mais antiga, por 76 anos (Rádio União, atual CBN União da Vitória). A distribuição geográfica das emissoras está no mapa a seguir.

**Figura 1:** Distribuição geográfica das emissoras pesquisadas



**Fonte:** Elaborado pelos autores, com dados da AERP (2020)

No cenário paranaense, Elias Augustinho, engenheiro da AERP, relata que muitas rádios perderam o primeiro prazo de migração dado pelo Ministério das Comunicações, mas quando viram o efeito das migrantes, mudaram de ideia. “Aí o Ministério abriu uma nova janela e os caras correram para entrar com o pedido. Quase todas fizeram isso” (AUGUSTINHO, 2020, p. 3).

Outra característica de algumas rádios pesquisadas é a relação com a Igreja Católica, seja na programação — como apontado pelas Rádios Campo Aberto, Goioerê Cultura — ou na propriedade, como é o caso da Rádio Inconfidência, segundo seu diretor, Padre. Carlos Figueiredo: “Temos uma característica bem diferente das outras rádios da

cidade, porque somos uma fundação que pertence à Igreja Católica, numa sociedade com índice elevado de católicos” (FIGUEIREDO, 2020, p. 2). Essa concentração de rádios católicas no cenário estudado encontra correspondência no levantamento de Lima (2011), que afirma que a Igreja Católica possui número considerável de concessões de rádios no Brasil.

A seguir, trazemos os principais assuntos presentes nos relatos e as características das emissoras que fizeram parte desta pesquisa.

### 3.1 Aspectos Técnicos

Em relação aos trâmites burocráticos junto ao Ministério das Comunicações, algumas rádios não estabeleceram prazos precisos, mas grande parte disse que esperava pela migração há algum tempo.

Para viabilizá-los, as rádios contaram com o apoio de serviços de engenharia, tanto da AERP quanto de particulares, como explica o gestor da Rádio Vale FM, Janatan Fabiane: “normalmente, contratamos e temos forte parceria com o Engenheiro Dr. Roberto Lang, que, junto com a emissora, encaminha todos os documentos dentro dos prazos solicitados” (FABIANE, 2020, p. 1).

Para mercados maiores do interior do estado, havia a expectativa de ter a migração somente no *dial* estendido, como começou a ocorrer em Curitiba em 2021; porém, houve a possibilidade de migração na faixa tradicional, após estudos e negociações políticas.

Com isso, fomos estudar especificamente as localidades - Londrina, Maringá e outras cidades do interior. Isso foi uma demanda também política. Parareabrir o processo a gente contou ainda com apoio de senadores e deputados federais. Na parte técnica, nosso trabalho foi grande. A nossa associação conseguiu dar um suporte. Fomos à Brasília várias vezes, estudamos vários canais e conseguimos incluir um número maior de canais do plano. Foi mais o trabalho da associação que permitiu que isso acontecesse, sem mexer nos canais já existentes. Primeiro, que você teria que ter a permissão do cara que está usando, e aí isso não iria ocorrer. (...) Tivemos que encontrar frequência, canais vagos (AUGUSTINHO, 2020, p. 1).

Em casos como o de Londrina, houve uma negociação para alteração de algumas frequências, para acomodar todas as rádios AM no FM, como explica Augustinho (2020, p. 1): “para colocar uma rádio no canal em 95.5 temos que respeitar o intervalo de dois canais para cima e para baixo. Ou seja, o novo canal só pode estar lá se as frequências

95,7 e 95,9 estiverem livres, para cima, e 95,3 e 95,1 estiverem livres para baixo, nesta localidade ou em cidades próximas”. Com isso, de acordo com dados da Anatel (2020) e do portal Tudo Rádio (2020), das nove rádios AM autorizadas a operar em Londrina, cinco já tinham migrado para a faixa FM até 2020.

Alguns entrevistados, como o diretor da Rádio Campo Aberto, João Gourtat, afirmaram que a migração era obrigatória, devido à baixa potência da estação original. “Como somos de 1000 watts de potência, não tivemos a opção da migração. Ou nós migrávamos, ou nós fechávamos. Todas as emissoras com sinais de até 1000 watts de potência estavam sendo extintas” (GOURTAT, 2020, p. 1). Já o gestor da Rádio Cultura, de Apucarana, João Miguel Ignácio, enfatiza que migração não foi imposta, a não ser que se considerasse um imperativo oculto do mercado: “Pela ótica do governo, vemos que foi uma oportunidade única de não falecermos num futuro breve. Ressalte-se que a migração nunca foi imposição governamental e sim, opção” (IGNÁCIO, 2020, p. 2).

Para outros gestores, a imposição do governo para a migração aparece, mas por outro aspecto: a falta de opção do rádio digital. Após estudos realizados nos anos 2000 pelo Ministério das Comunicações, o trabalho ficou pelo caminho. “O governo impôs a migração para FM, enquanto deveria ter passado tudo para digital, sem passar para FM. Neste sentido, foi uma má notícia” (FIGUEIREDO, 2020, p. 2).

Sobre a obrigação ou não em migrar, Curado (2015) esclarece que ela não existe. Porém, as emissoras AM de caráter local devem aumentar a potência para tornarem-se de caráter regional, o que, aparentemente, não é uma opção para os empresários. Até o momento das entrevistas, grande parte das rádios AM no Paraná já havia solicitado a mudança de faixa.

A maioria optou por mudar porque a propagação em ondas médias está muito ruim. Têm interferências elétricas, interferências magnéticas. Você está ouvindo rádio, vai passando, liga um motor, chia, se passa em um poste de luz, mesma coisa (AUGUSTINHO, 2020, p. 2).

Outro destaque apontado pelo engenheiro da AERP é sobre aspectos técnicos referentes à melhoria da qualidade de som.

A Onda Média tem uma banda de 10 kHz, então a qualidade do áudio é muito baixa. As músicas são em mono, você não pode ter uma grande extensão do sinal, como seria uma Frequência Modulada, que tem um canal de 200 kHz. O

... cara vai ter a possibilidade de operar em estéreo, com qualidade do áudio (...). Ele ganha (AUGUSTINHO, 2020, p. 5).

O sinal de baixa qualidade aparece como fator decisivo para a não continuidade na antiga faixa. “O governo simplesmente abandonou as correções e o monitoramento das interferências. Elas só crescem e o AM sofre muito com isso” (FIGUEIREDO, 2020, p.2).

O maior alcance das emissoras é viabilizado também pela recepção do sinal em aparelhos celulares, possível nas transmissões em FM.

Hoje é difícil quem não tem o celular. (...) Independente de qual seja a classesocial, você vai ter as pessoas portando o celular na mão. (...) O aparelho celular para o FM por si só é um receptor, é cada vez mais inseparável de você. Sem contar a qualidade do áudio (GOURTAT, 2020, p. 4).

Em relação à escolha da migração para o FM, em vez da digitalização do rádio AM, Kischinhevsky (2016, p. 57) afirma que a primeira opção garantiu a inclusão dos sinais das rádios migrantes em telefones celulares, o que poderia não ocorrer caso a segunda opção se concretizasse.

### 3.2 Mercado e Audiência

A maioria dos entrevistados ansiava a migração como uma esperança para a continuidade das atividades, uma vez que o AM, não sintonizável em aparelhos celulares e com baixa qualidade de som em ambientes urbanos, teve seu alcance diminuído nos últimos anos. Essa melhoria no sinal trouxe reflexos, segundo o diretor da Rádio Goioerê, Vacir Ferreira: “Passamos a disputar de igual para igual com a concorrência direta e aumentou nossa área de abrangência. É uma rádio nova, em todos os sentidos” (FERREIRA, 2020, p.1). Outros gestores explicitam a rejeição comercial ao AM por parte de algumas empresas, como o diretor da rádio Paiquerê, André Faria:

Várias empresas de fora de Londrina, de outros estados, não viam mais o AM como mídia. A gente não estava conseguindo vender (comerciais) para essas empresas, mesmo mostrando que nós éramos terceiro lugar entre 20 emissoras AM e FM que existem na cidade. A empresa dizia que não fazia mais rádio AM, o que deixou inviável (FARIA, 2020, p. 2).

Os radiodifusores pesquisados pontuam que permanecer na faixa antiga poderia inviabilizá-los economicamente. É o que afirmam os representantes das rádios Paiquerê e Inconfidência:

Os empresários que ainda não fizeram a migração, ou irão fazê-la ou vão vender as emissoras a grandes grupos ligados à televisão ou igrejas evangélicas. Tocar uma AM sem migrar, daqui a algum tempo será impossível economicamente, a não ser que o empresário tenha outros ramos de investimento. Mas se ele vive só do rádio AM, é quase impossível (FARIA, 2020, p. 2).

Uma possível sobrevivência do AM no mercado, a meu ver, diz respeito a uma programação muito próxima do povo com super locutores extremamente populares e com um carisma insubstituível. O que é muito difícil atualmente (FIGUEIREDO, 2020, p. 2).

A afirmação dos gestores corrobora a análise de Kischinhevsky (2016), que afirma que o rádio AM, sem a migração, poderia morrer por inanição, sem os investimentos necessários para sua permanência no ecossistema midiático.

Em relação à competição com FMs já estabilizadas no mercado, os radiodifusores entrevistados sentem-se tranquilos. Como a maioria deles manteve grande parte da programação emitida em AM, acreditam que não haja problemas com isso. Porém, os diretores de duas emissoras enfatizam mais o cenário de concorrência: a CBN de União da Vitória e a Paiquerê de Londrina. Enquanto a primeira escolheu a segmentação em um mercado que já conta com seis rádios com programações distintas entre si, a segunda se deparou com algo interessante: outra Rádio Paiquerê já presente na faixa FM. Como as duas são de donos distintos, não houve mudança de nome. Segundo o depoimento do gestor da rádio migrante, a diferenciação se dá pela programação das duas, uma vez que a audiência da AM migrante já era expressiva, em um cenário de 20 emissoras em ambas as faixas. “A gente tinha duas emissoras AM entre as cinco primeiras no geral. Já somos muito consolidados, e com o FM a audiência aumentou em torno de 20%” (FARIA, 2020, p.2).

Outra concorrente das rádios migrantes são as rádios comunitárias, com menor custo de manutenção do que as rádios comerciais.

Além disso, também tinha outra figura que incomodava bastante, que eram as rádios comunitárias. Inicialmente a rádio comunitária não deveria

comercializar, mas estavam comercializando. Então matava, porque eles não tinham encargos sociais, não tinham funcionários, porque as rádios comunitárias são fundadas em associações de bairro (AUGUSTINHO, 2020, p. 2-3).

Grande parte dos entrevistados diz ser difícil mensurar a audiência em seus mercados de atuação, pois para isso seria necessário contratar um único instituto de pesquisa para todas as emissoras, o que não é possível. “As pesquisas realizadas atualmente são repletas de inconsistências. Coisas absurdas que qualquer leigo pode constatar” (IGNÁCIO, 2020, p. 3). Porém, mesmo sem pesquisas contratadas, existe uma percepção de melhoria: “Não conseguimos mensurar em pesquisa de audiência oficial e paga. Mas temos o segundo lugar na mensuração de audiência na internet marcada pelo site radios.com.br” (FIGUEIREDO, 2020, p. 4).

Essa dificuldade em ter diagnósticos precisos sobre o público já foi relatado no trabalho de Silva *et al.* (2018). De acordo com os autores, a falta de instrumentos para conhecer seus públicos deixa mais difícil o estabelecimento de estratégias e possibilidades de transformações no cenário de transmissão em FM.

Como o AM é um meio consumido por um público de mais idade, segundo a diretora da rádio Chopinzinho, Elizane Roncem de Lima, “as pessoas mais idosas tiveram um pouco de dificuldade de aceitar as mudanças para FM” (LIMA, 2020, p. 2). Esse conflito geracional também é apontado por outros gestores, que afirmam que “[...] a nova geração tem preconceito com o AM, principalmente as pequenas emissoras que não têm poder aquisitivo para investir em bons profissionais e equipamentos modernos” (FERREIRA, 2020, p. 2). “Começamos a olhar mais para os jovens, apesar de nossa audiência ser majoritariamente adulto/idosa. Também os locutores foram orientados para uma linguagem que melhor se adéque à FM” (FIGUEIREDO, 2020, p. 2).

Nesse contexto, também aparece o reconhecimento ao antigo ouvinte. “Por termos uma história de 60 anos de trabalhos prestados num perfil, não poderíamos simplesmente descartá-lo. Aliás, se hoje ainda nos mantemos é por conta da programação que veio do AM” (IGNÁCIO, 2020, p. 2).

A preocupação apresentada pelas emissoras encontra respaldo em Ferraretto (2014), ao lembrar que o rádio demanda empatia com o público — o que o autor chama de construção de identidade. Em um reflexo disso, para quase a totalidade dos entrevistados, suas rádios não perderam a identidade com seus públicos.

### 3.3 Adaptações de equipe e programação

Quando o assunto é a adaptação da equipe, percebe-se que isso ocorreu de diferentes maneiras entre as emissoras analisadas, seja por necessidade de mudança da linguagem ou do perfil de programação. A nova afiliada da CBN, que iniciou operações após interromper a programação de uma antiga rádio AM com mais de 70 anos, recorreu à equipe do jornal impresso do mesmo grupo para poder atender a uma nova demanda na área jornalística. Já a rádio Campo Aberto aumentou sua participação nas redes sociais com a vinda para o FM. Pode-se dizer que essa preocupação reflete o que Kischinhevsky (2016) afirma a respeito da relação rádio-redes sociais. Para o autor, há uma forte articulação entre as duas, ao mesmo tempo em que essa relação reflete a concorrência e a pulverização das audiências.

A Rádio Paiquerê contratou um profissional com experiência na nova faixa para treinar a antiga equipe. As rádios Goioerê, Cultura e Inconfidência pontuaram em seus depoimentos que os ajustes na equipe focaram em não desagradar o público, ao mesmo tempo em que a equipe precisou adaptar o modo de trabalho. “Apesar das orientações, o jeito de fazer rádio AM ainda está arraigado na vida de muitos locutores. Apesar desta dificuldade, nossos ouvintes permaneceram e estamos buscando novos” (FIGUEIREDO, 2020, p. 3).

Contratações e demissões refletiram esse conflito entre o tradicional e a necessidade de mudanças: “Houve demissões e mudanças de atividades profissionais para a adaptação à nova realidade de FM, que exigia um time menor. Mas também a situação econômica ajudou a empurrar para esta situação”(FIGUEIREDO, 2020, p. 3). Embora o gestor tenha dito haver demissões, não informou o número dos demitidos e nem de contratados em função da migração.

De acordo com o diretor da rádio CBN União da Vitória, Caíque Agustini (2020), existem dois cenários para as rádios que mudaram sua faixa de transmissão. Há as que mudam automaticamente do AM para o FM com suas programações, com resultado positivo de faturamento e de audiência; e há aquelas que fazem uma modificação mais drástica, que acabam com a programação do AM para se filiarem a uma cadeia de rádio. A maioria das rádios entrevistadas ficou com a primeira opção, com pequenas variações apenas para adaptação de linguagem e audiência, com a inserção de novos programas,

compra de vinhetas, trilhas, programas prontos ou presença maior em redes digitais (AUGUSTINI, 2020). A única rádio pesquisada que se filiou a grandes redes de rádio após a migração foi justamente a CBN.

Em relação às mudanças pontuais de programação, presentes na maioria das rádios pesquisadas, o destaque fica por conta da prestação de serviços e o envolvimento com a comunidade, características tradicionais do rádio AM, que permanecem na nova faixa. “A Campo Aberto tem uma programação muito envolvente, com o trabalho de ajuda às pessoas, envolvida com a comunidade, temos departamento de jornalismo, de esportes e o Padre Reginaldo em nossa programação” (GOURTAT, 2020, p. 6).

A preocupação com a comunidade encontra respaldo no conceito de Kaplún (2008), que conceitua o rádio como um promotor de desenvolvimento, com a função social de atender às necessidades da população.

Mais uma vez, o conflito entre o novo e o antigo aparece nos ajustes de programação. Na Rádio Paiquerê houve dois exemplos de mudança. A primeira, um programa com notícias e música de estilo adulto-contemporâneo no período da tarde foi bem recebido pela audiência. Já a retirada do sertanejo raiz da madrugada foi desfeita posteriormente.

Das 4 às 5h30 da manhã nós tínhamos um programa de sertanejo bem raiz. Com a mudança, nós retiramos e houve surpreendentemente reclamações em relação a essa retirada. Mas aí como é um horário que não tem grande audiência, nós retornamos. De resto não teve reclamação nenhuma (...). O resto da programação é exatamente igual à da época da AM (FARIA, 2020, p.3).

A troca completa da programação também trouxe conflitos, porém, para o radiodifusor que fez essa escolha, a opção por uma nova rádio era uma necessidade do mercado.

Foi muito difícil fazer essa escolha, e principalmente este desligamento. A gente acabou fechando o caixão de uma história muito grande. Por outro lado, nós encerramos um ciclo para fazer jornalismo em FM, algo totalmente necessário no mundo em que vivemos hoje. Além disso, em nossa região faltava uma marca relevante e de opinião, como a CBN já faz há 27 anos (AGUSTINI, 2020, p. 3).

Porém, um dos gestores evitou fazer comparações de programações tradicionais em AM e FM, pois já seriam semelhantes.

Hoje quem adota este termo Programação de AM é quem não vive o meio. Há muitos anos o FM deixou de ser FM para virar AM no quesito programação. Tido como brega, a programação de AM hoje incorporada às FMs é que detém as grandes audiências (IGNACIO, 2020, p. 2).

Pelo exposto, o estudo atual encontra semelhanças com o diagnóstico já realizado anteriormente por Silva *et al.* (2018), em que as rádios migrantes do Paraná à época apontaram a melhoria da qualidade de som como o principal motivo para a migração. Houve mudança de programação na maioria das rádios, no todo ou em partes, com a inserção de novas vinhetas, programas e no segmento musical da rádio. Aqui, a melhoria do sinal é um fator importante, mas os demais aspectos encontram-se em equilíbrio nas respostas apresentadas neste trabalho e no realizado anteriormente.

#### 3.4 Investimentos

Antes de entrar no ar na faixa FM, as emissoras interessadas precisam pagar a outorga, que custa cerca de R\$ 50 mil e renovar equipamentos: “Ela vai gastar em torno de R\$ 200 mil, com troca de equipamentos e torre, mais o custo da migração, vai até uns R\$ 250 mil” (AUGUSTINHO, 2020, p. 3). Entre as rádios que divulgaram seus custos para migração, a média de investimento foi maior que a estimativa do engenheiro da AERP: R\$ 553,5 mil.

Em relação ao retorno dessa aplicação, é preciso lembrar que a pesquisa de campo se realizou durante a pandemia da Covid-19. Nesse sentido, várias emissoras colocaram o impacto da atividade econômica na recuperação do investimento em equipamentos e pessoal para migração, que já era, a princípio, de vários anos. “Já se passaram três anos e por conta de problemas de ordem política e econômica que agora, somados com a questão da pandemia, não nos permitiram recuperar nada” (IGNÁCIO, 2020, p. 1). Por outro lado, a migração valorizou a empresa: “Depende como se faz esta avaliação (recuperação), pois o custo-benefício pelo simples fato de migrar valorizou a empresa. Se valia R\$ 1 milhão, passou a valer R\$ 3 milhões” (FERREIRA, 2020, p. 1).

#### 4 Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi investigar como rádios paranaenses que migraram da faixa AM para a FM se adaptaram à mudança de frequência, no que se refere à

programação, custos, mercado e relação com os ouvintes. Para tal, ouvimos oitodas 94 emissoras que tinham feito essa migração em meados de 2020, quando realizamos a pesquisa.

A aplicação e o desenvolvimento da pesquisa, com a realização de entrevistas e respostas a questionários junto a gestores das emissoras, revelaram os fatores que permitem avaliar como se deu e como está o cenário dessa mudança.

Em relação ao objetivo geral, foi possível entender como o processo de migração dessas rádios opera. Mesmo com o desenvolvimento de tecnologias que proporcionam a recepção radiofônica por diversas formas, a emissão tradicional, direcionada aos aparelhos receptores, ainda é relevante. O rádio convive com a TV e com a Internet, e agora também com *podcasts*, agregadores de música e serviços de *streaming*, e nesse processo vai encontrando seu espaço no novo cenário tecnológico e social contemporâneo.

Embora muitas emissoras aguardem autorização para operação na faixa estendida, anteriormente utilizada pela TV analógica, negociações entre representantes das rádios junto ao governo possibilitam que o Paraná seja um dos estados em que o maior número de rádios já esteja operando em FM na atualidade.

A faixa FM possui melhor qualidade de som, fator preponderante para melhoria de recepção, potencial aumento da audiência e do faturamento, o que motiva os radiodifusores a investir na modernização dos equipamentos e nos ajustes das equipes. Ainda que o ambiente econômico esteja desfavorável, entre outros motivos pela pandemia da Covid-19 (que interferiu também no modo de realização deste trabalho), os entrevistados mostram-se confiantes com o novo cenário vislumbrado nas operações em FM, uma vez que a rejeição a essa faixa, por parte dos anunciantes, é menor.

Nesse sentido, é unânime entre os pesquisados a ideia de que a migração era e continua sendo a melhor solução, em razão da atualização tecnológica, melhor qualidade de som e alcance de audiência; ademais, foi a maneira encontrada para trazer equilíbrio entre a necessidade econômica e fidelização do ouvinte. Adaptações nas equipes foram necessárias, em especial em programas que não se adequariam à faixa FM ou em iniciativas para alcançar um novo público, via redes sociais.

Ainda assim, quase todos os pesquisados preocuparam-se com o público já cativo dessas emissoras. Como já estavam há décadas com o mesmo tipo de transmissão, houve

uma preocupação em manter a identidade com os antigos ouvintes após a migração. Por isso, percebeu-se certo cuidado com as alterações, para que elas não causassem estranheza e afetassem a identidade dessas rádios com seu público tradicional.

A escolha pela análise do processo de migração tecnológica do meio rádio como um todo se dá por ser um fenômeno recente. Entretanto, o estudo desse fenômeno, tal como descrito até aqui, também deve ser objeto de preocupação dos profissionais e pesquisadores do jornalismo, que testemunham e reportam a interferência e adaptação das formas de comunicação na sociedade.

Como a migração das emissoras é um processo em andamento no momento, trabalhos futuros poderão fazer novas abordagens, como das rotinas produtivas do jornalismo e da função social das emissoras, assim como aspectos da convergência tecnológica e como os outros meios de escuta hoje existentes alteram a recepção e o consumo do rádio. Ressalta-se que, até aqui, procurou-se entender o que se tem até o momento na relação das rádios com o público e com o mercado consumidor no modo de recepção e tecnologia tradicionais.

Pelo exposto, é importante o acompanhamento desse processo, em contínua modificação, trazendo novos olhares com foco na interação dos ouvintes com o rádio, a partir daqueles que trabalham na “cozinha” do rádio, ou seja, fazendo os programas no dia a dia, mas também daqueles que formam a grande audiência desse veículo, que se transforma, mas jamais se extinguirá. Prova disso é que, desde os estudos do padre Landell de Moura e o surgimento das rádios clubes, há um século de história de um meio de comunicação que sobrevive, se reinventa e se adapta às influências econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas.

## Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Canais de Radiodifusão**. 2020. Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/srd.php>. Acesso em: 16 ago. 2020.

AGUSTINI, Caíque. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. In: MARTINS, J. C. **O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO – ABERT (Brasília). Rádio Progresso é a primeira emissora do país a migrar para o FM. **ABERT**, [S.l.], 2016. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/24851-radio-progresso-sera-a-primeira-emissora-do-pais-a-migrar-para-o-fm>. Acesso em: 16 ago. 2020.

AUGUSTINHO, Elias. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In*: MARTINS, J. C. **O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM: Processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica**. 2015. 194 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2015.

DEL BIANCO, Nélia. **Atuação do conselho consultivo do Rádio Digital: em busca de um formato de digitalização adequado à realidade brasileira**. Manaus: INTERCOM, 2013.

FABIANE, Janatan. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In*: MARTINS, J. C. **O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

FARIA, André. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In*: MARTINS, J. C. **O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA, Vacir. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In*: MARTINS, J. C. **O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto de. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In*: MARTINS, J. C. **O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

GOURTAT, João. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In*: MARTINS, J. C. **O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

IGNÁCIO, João Miguel. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In: MARTINS, J. C. O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: Limitações e possibilidades do rádio. *In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCOLOTO, Valci (org.). Teorias do rádio: textos e contexto*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. Cap. 4. p. 81-90.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações** radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. 152 p.

LIMA, Artur Venício de. **Regulação das comunicações: história, poder e direitos**. São Paulo: Paulus, 2011. 254 p.

LIMA, Elizane Roncem de. Pesquisa sobre migração AM/FM. [Entrevista concedida a] João Cubas Martins. *In: MARTINS, J. C. O Desafio da Migração AM-FM em Rádios no Paraná*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

MELLO, Denise. **Rádio Banda B é a primeira emissora do Paraná autorizada a operar na faixa estendida de FM. Banda B**, [S.l.], 8 maio 2021. Disponível em: <https://www.bandab.com.br/cidades/radio-banda-b-e-a-primeira-emissora-do-parana-autorizada-a-operar-na-faixa-estendida-de-fm/>. Acesso em: 07 jun. 2021.

MIGRAÇÃO AM-FM EM FAIXA ESTENDIDA de FM é iniciada hoje em SP, RJ, DF, MG, PE e RS. **Tudo Rádio**, [S.l.], 7 maio 2021. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/25362-migracao-am-fm-em-faixa-estendida-de-fm-e-iniciada-hoje-em-sp-rj-df-mg-pe-e-rs>. Acesso em: 07 jun. 2021.

O RÁDIO: MIGRAÇÃO DAS AMS - Levantamento no FM. **Tudo Rádio**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2SgDYso>. Acesso em: 4 ago. 2021.

PRATA, Nair; BIANCO, Nélia R. Del (org.). **A migração do rádio AM para FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis: Insular, 2018. 394p.

SILVA, Ana Carolina de Araújo *et al.* Processos de migração AM-FM de emissoras do interior do Paraná.: vivências e desafios. *In: PRATA, Nair; BIANCO, Nélia R. Del (org.). A migração do rádio AM para FM: Avaliação de Impacto e desafios frente à convergência tecnológica*. Florianópolis: Insular, 2018. p. 238-248.